

A vaca com olhos de coruja: leitura e escritura como exercício de maravilhamento filosófico

Antônio Augusto Caldasso Couto

Professor de filosofia na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)

Doutor em filosofia pela UFRGS

E-mail: augustocaminho@gmail.com

Recebido em: 04/03 /2018.

Aprovado em: 07/05/2018.

Resumo: Este ensaio enfatiza a importância do desenvolvimento de uma leitura e escritura especificamente filosóficas dos clássicos da filosofia. Considerando-as não apenas como instrumentos de pesquisa e produção em filosofia, mas, sobretudo, como exercícios de um modo de vida filosófico.

Palavras-chave: Metodologia filosófica, Leitura filosófica, Redação filosófica, Modo de vida filosófico.

The Cow With Owl Eyes: Reading And Writing As An Exercise In Philosophical Wonder

Abstract: This essay emphasizes the importance of developing a reading and writing, specifically philosophical, of the philosophy classics. Considering them not only as instruments of research and production in philosophy, but, above all, as exercises of a philosophical way of life.

Keywords: Philosophical Methodology, Philosophical Reading, Philosophical Writing, Philosophical Way Of Life.

Aos meus alunos-mestres ou mestres-alunos

A leitura e a escritura de textos filosóficos não deveriam - como muitas vezes acontece - ser consideradas uma mera obrigação a cumprir para a obtenção de aprovação nos cursos de filosofia acadêmica, mas deveriam ser percebidas como preciosas oportunidades para, exercitando a espada da filosofia, cortar ilusões e aprofundar

a busca de sabedoria, transformando a si mesmo e a própria vida. A leitura de clássicos da filosofia, em especial, deveria ser considerada como a rara oportunidade de estabelecer um diálogo com grandes pensadores do passado por meio do legado de suas obras. Uma afirmação como essa implica a admissão da importância da história da filosofia como exercício do filosofar, e, quanto a isso, gostaria simplesmente de parafrasear a velha expressão que se tornou proverbial a respeito da estatura dos antigos: se é verdade que podemos ver mais longe do que os antigos, essa possibilidade só poderá se atualizar se assentarmos sobre os ombros dos maiores desses gigantes. Além disso, a afirmação inicial implica a escolha do diálogo como sendo uma forma privilegiada para a obtenção de um relacionamento filosófico, não apenas entre pessoas, mas também entre o leitor e o texto de leitura, seja o texto do mundo ou o mundo do texto.

Como é notório, o diálogo tem seu terreno próprio na oralidade e se estabelece entre pelo menos dois interlocutores, por isso é importante, já de antemão, ressaltar que o termo “diálogo”, quando aplicado à relação entre leitor e texto, assume uma função conotativa que permite estabelecer uma analogia entre o diálogo filosófico, que ocorre entre pessoas, e a leitura filosófica de uma obra, seja ela obra humana ou obra da natureza. Tal analogia permite apontar similitudes que, uma vez postas em relevo, podem sinalizar caminhos para uma experiência filosófica genuína por meio da leitura e, também, da escritura de um texto. Contudo, talvez, a similitude seja mais do que analógica, pois, talvez, como sugere Platão, todo o nosso pensar ocorra dentro do quadro de um diálogo interior que mantemos com nós mesmos¹. Seja como for, o diálogo filosófico que estabelecemos com um texto e, por extensão, com o seu autor, se passa inicialmente em nosso próprio espírito podendo assumir a forma de um fecundo diálogo interior. À medida que a leitura avança, podemos escutar e interrogar, dentro de nosso próprio espírito, pensamentos que atravessaram séculos por meio de signos gráficos registrado em papiros, pergaminhos, códices, livros ou e-books; os quais podem ser lidos na língua original em que foram redigidos, se o domínio de tal língua pertencer a nossa formação, ou nas melhores traduções disponíveis até o presente.

Mas alguém poderia contrapor, retomando a crítica de Platão² ao registro da filosofia na escrita, que é impossível um diálogo en-

tre um ente inanimado - a obra escrita - e o leitor, pois a filosofia, retirada de sua terra natal - a oralidade - e uma vez fixada na escrita, perderia a sua dinâmica própria, *i.e.*, a sua vida. Por isso o *lógos*, prisioneiro na caverna da escritura, responderia às nossas dúvidas com as mesmas palavras de sempre, de tal modo que o nosso suposto diálogo com uma obra de filosofia não passaria de um monólogo do leitor com as projeções de sua própria subjetividade no espelho gráfico do texto. Mas, eu responderia que o maravilhoso - e tal experiência está sempre disponível àqueles que se dedicam à releitura - é que, parodiando Heráclito,³ como um mesmo leitor não entra (ou não deveria entrar) duas vezes num mesmo texto, as mesmas palavras fixadas pelo texto sempre podem nos oferecer novas respostas até mesmo para as mesmas velhas perguntas, desde que o leitor tenha, de fato, mudado intimamente, ou pelo menos esteja aberto à possibilidade da mudança durante a leitura.

Porém a crítica mencionada deve ser considerada pertinente, e ela se torna, sobretudo relevante, quando levamos em consideração o trabalho feito pela história, e pelas instituições sociais na qual somos educados, na constituição de nossa subjetividade, *i.e.*, na constituição afetiva e cognitiva, de um possível autor ou intérprete de uma obra. Tal trabalho da história, concentrado pelo poder de instituições sociais, culturais e políticas, cristaliza diversas concepções nas subjetividades individuais formando uma espécie de grade conceitual que, estrutura o discurso de uma comunidade ou mesmo de uma época. Podemos ver um sinal desses condicionamentos culturais quando contemplamos as variações valorativas na exegese de uma mesma obra ao longo da história, ou simplesmente quando nos escandalizamos diante de um discurso, corriqueiro em outra época ou lugar, que em si nada tem de escandaloso. Assim, é do interior de uma espécie de teias proposicionais e conceituais, muitas vezes contaminadas por insuspeitadas manipulações ideológicas, que habitualmente reproduzimos as interpretações que sustentam a nossa leitura não apenas de livros, mas da própria vida cotidiana, de modo que, mesmo depois de alguns anos de frenético perambular, podemos novamente reencontrar as paredes do labirinto. Assim, o impeditivo para o diálogo filosófico com uma obra não se encontra tanto na fixidez da escrita, mas encontra-se principalmente na fixidez de nossa própria mentalidade e nas sombras por ela projetada durante a leitura. Provavelmente nunca seja possível escaparmos

completamente do círculo hermenêutico⁴ que tal crítica aponta, e, talvez, nem mesmo isso fosse desejável, pois seria impossível colocar o pensamento investigativo em marcha se fizéssemos *tabula rasa* de nossos conceitos e paixões no momento do filosofar⁵. Por isso, o círculo não deveria jamais nos desestimular a buscar um entendimento dos textos; pois é do interior mesmo do círculo que podemos encontrar as tradições culturais que nos propiciem algum inusitado espaço de exercício crítico e de liberdade criativa a partir do qual possamos jogar, com crescente lucidez, o jogo da leitura e da escritura filosófica.

Como exortação à consecução de uma experiência plena do jogo filosófico, eu desejo que o antigo ideal de uma vida filosófica - inspirada na busca da verdade, beleza e bondade - seja acompanhado pelo saudável olhar de suspeita cética, para que possamos discernir nosso próprio percurso - por entre as costuras históricas que entrelaçam as diferentes dimensões de signos e coisas em que nos encontramos inseridos - a fim de escrevermos com amor e espírito crítico nossa obra filosófica na arte da vida, seja ela escrita em pensamentos, palavras ou ações.

A título de ilustração, eu gostaria de dividir, o jogo da leitura-escritura filosóficas, em três momentos, por assim dizer, alquímicos⁶: (i) catártico, (ii) ruminativo ou fecundante e (iii) generativo. Esses momentos podem ser distinguidos como etapas de um método filosófico-poético, embora, provavelmente, coexistam de modo inseparável na vida cotidiana, pois na medida em que penetramos nos sentidos de um texto, os sentidos do texto penetram-nos produzindo interpretações e reflexões de modo espontâneo. Também gostaria de destacar pelo menos três dimensões de *lógos*,⁷ ou mundos de linguagem, em que os jogos da leitura-escritura filosófica podem incidir: (i) os mundos do texto do livro da vida, a *phýsis* ou *kósmos*, com suas regularidades em meio à imensa diversidade, e dentro da qual as ações humanas escrevem os seus próprios, e peculiares, capítulos; (ii) os mundos de pensamento da mente humana em seu diálogo interior por meio de conceitos e proposições e (iii) os mundos do texto produzido na fala ou na escrita através de fonemas ou signos gráficos, ou de códigos linguísticos em geral, em diferentes ciências e artes.

Além disso, como princípio pedagógico geral, eu gostaria de ressaltar que tanto o momento catártico quanto o momento ruminan-

te, e também o momento generativo, exigem flexibilizar as malhas de nossa subjetividade, tanto para que possamos nos aproximar dos sentidos próprios do texto, quanto para permitir-lhes o fecundar de nosso próprio espírito. Por isso, escutando o vento que sopra nas florestas de bambus, eu gostaria de apontar, como privilegiado exercício filosófico de flexibilização da subjetividade, o caminho da descoberta do silêncio interior. Silêncio que pode tornar o *lógos*, com suas ranhuras conceituais empoeiradas de história, translúcido para o inefável. Silêncio que pode abrir um imenso campo de potencialidades criativas para a constituição de experiências filosóficas. Pois, respirando silêncio, o antigo *lógos* pode produzir o *lógos* novo, enquanto o novo *lógos* resgata o *lógos* antigo. Poderíamos, então, simplesmente falar de um eterno retorno do novo – por aberturas, respiradouros, nas estruturas das tradições. Assim, podemos aprender a participar da beleza própria, e das singularidades, de cada estação, enquanto temos vislumbres da saída do labirinto: silêncio e leitura, silêncio e ruminação, silêncio e escritura, silêncio e silêncio, ... Criação e apocalipse acontecendo no aqui-agora-já!

No momento catártico é preciso cultivar uma receptividade ativa, de atenção plena, que nos permite minimizar nossas projeções interpretativas por meio da autocrítica vigilante e interiormente libertadora. Receptividade ativa é o contrário de uma passividade sonolenta, na qual nossos condicionamentos culturais internos e externos simplesmente se retro-alimentam de modo inconsciente. É com o cultivo de uma receptividade ativa no espírito que podemos constituir um momento catártico adequado para a execução de análises, arqueologias ou genealogias dos conceitos ou teses transmitidos pela leitura. Durante o diálogo filosófico com um texto, os mais diversos sentimento e paixões podem surgir em nosso espírito. E é mesmo bom que surjam, pois, embora a deusa Atená tenha nascido da cabeça de Zeus, jamais deveríamos filosofar sem coração, ou paixão, ou mesmo sem a consciência de nosso corpo. Contudo, durante a leitura filosófica de um texto, devemos cultivar certa liberdade interior em relação as nossas emoções para não deixar que elas veiculem, inconscientemente, juízos de valor demasiadamente próprios de nossa época em nossa interpretação, prejudicando o diálogo com a voz longínqua que nos chega através dos séculos. Por isso, uma virtude indispensável à comunicação na forma de diálogo é o saber ouvir, o que, em outras palavras, significa saber

abrir espaço em seu interior e tornar seu próprio espírito receptivo ao discurso proferido pelo texto, pelo outro ou por si mesmo. Assim é preciso saber ouvir não apenas o nosso interlocutor ou o texto que estamos lendo, mas é preciso saber ouvir a voz da vida e a voz do silêncio, como Agostinho, na cidade portuária de Ôstia à espera de uma embarcação que o levaria para a África, soube tanto ouvir a voz mais íntima das próprias coisas falando-lhe sobre a criação, quanto soube silenciar a si mesmo para ouvir o Logos divino falando para além das coisas criadas.⁸ Pois, entre a linguagem e o silêncio, entre nosso corpo e nossa mente, entre o (s) eu (s) e o (s) outro (s), podemos vislumbrar o pórtico de nosso próprio Oráculo de Delfos com sua famosa inscrição: *gnóthi seautón* (conhece-te a ti mesmo). E a respeito de tal desafiante mandamento, eu gostaria apenas de pincelar um breve comentário: para penetrar em si mesmo é preciso contemplar o abismo e não temer o olhar que o abismo lança sobre si⁹, mas, além disso, para conhecer a si mesmo, é preciso aprender a fazer morada no abismo e tomar uma xícara de chá com “ele”, pois para conhecer a si seria preciso lembrar-se de si para poder esquecer-se de si a fim de lembrar de si ...

Há uma história tradicional do Zen-budismo sobre o mestre Nan-in¹⁰ que pode ilustrar o que estou querendo dizer. A história conta que, certa vez, um erudito procurou Nan-in a fim de tornar-se seu discípulo. O mestre o recebera cordialmente, mas permanecera em silêncio enquanto preparava o chá. Durante todo o tempo do preparo, o erudito não parara de falar exibindo todos os conhecimentos de que dispunha a fim de ser aceito pelo mestre. No momento de servir o chá, ainda em silêncio, Nan-in verteu o chá sobre a xícara do erudito até que ela transbordasse. A xícara transbordava diante dos olhos arregalados do erudito, com o chá derramando-se sobre a mesa e começando a escorrer para o chão, sem que o velho esboçasse o menor sinal de que cessaria de verter chá sobre a xícara. Interrogado sobre o porquê de tamanha insensatez, o mestre respondeu-lhe que aquela xícara transbordante era uma imagem do estado em que se encontrava a sua própria mente. Como poderia ele tornar-se seu discípulo se, em sua mente, não havia espaço para mais nenhum novo conhecimento?

Essa história também pode nos fazer perceber que ler um clássico da filosofia é semelhante a adentrar na cabana de um sábio e nos aproximarmos de um velho mestre. Assim, a cada vez que

começamos a leitura de uma obra filosófica, deveríamos todos - sejamos alunos, mestres ou doutores - recordar que nunca deveríamos deixar de ser aprendizes e abríamos espaço em nossas mentes para que o aprendizado possa ocorrer. Tornar seu espírito receptivo a um texto filosófico exige o exercício daquela que, embora sendo uma virtude originária da atitude filosófica, tornou-se a mais esquecida das virtudes acadêmicas: a humildade. Não deveríamos jamais nos esquecer de que a missão filosófica de Sócrates tinha como ponto de partida a consciência de saber que não sabia, quando não sabia, e que o *éros* platônico só poderia conferir asas para elevar uma alma à ciência quando esta tivesse consciência da falta do saber, ou da beleza, que desejava obter¹¹. Ora, mas não precisamos concordar com tudo que o velho sábio venha nos contar em sua cabana! - poderia resmungar alguém. Sim, a atitude filosófica é uma atitude eminentemente crítica, que sabe valorizar o confronto das diferentes opiniões, mas não sejamos tão críticos logo de início, tenhamos a prudência de ouvir a voz do velho ancião antes de sepultá-la sob a profusão de nossas opiniões. Senão nossas críticas, por falta de acuidade e pertinência, servirão apenas como demonstrações de nossa própria ignorância e ansiedade.

Por outro lado, o momento fecundante, ou ruminativo, é o resultado peculiar da interação entre o mundo do texto escrito, da obra, e o nosso próprio mundo interior. É o momento em que nos apropriamos das teses e noções que conseguimos extrair do texto e produzimos, por meio de problematizações e análises, o nosso próprio pensar. Vale recordar que um diálogo com uma obra de filosofia não é como um bate-pronto numa reunião social em que a resposta espirituosa mais rápida sairá vencedora. Uma leitura propriamente filosófica exige uma qualidade que foi muito bem ilustrada por Nietzsche quando afirmara que aos seus atuais leitores faltava, para poderem compreendê-lo, "algo para o qual é imprescindível ser quase uma vaca, e não um homem moderno: o ruminar."¹² Eu diria que Nietzsche, ao reclamar a ausência em seus leitores dessa virtude que, segundo ele, as vacas dispõem em abundância, estava exigindo o despertar de uma vocação verdadeiramente filosófica em seus leitores, e creio que essa seja uma das principais intenções por de trás da variedade de recursos linguísticos utilizados por Nietzsche para produzir suas obras. Ruminar uma leitura filosófica implica em ler e reler o mesmo trecho, pensar e repensar o mesmo

tema, afastando-se e retornando ao texto tantas vezes quantas forem necessárias. Implica descobrir em si uma genuína vocação filosófica, que se expressa no ato de não desanimar diante das dificuldades de interpretação e entendimento de um texto, mas de saber saborear as dificuldades como se fossem desafios que convidam o esforço do pensamento à superação. Próprio do ruminar filosófico é desafiar o próprio desafio, levantando questões ao seu redor até que os sentidos que o texto oculta não ousem mais permanecerem mudos.

Além disso, eu diria que a leitura filosófica exige que desenvolvamos olhos semelhantes aos da deusa Atená¹³, *i.e.*, que obtenhamos olhos de coruja para que possamos reconhecer a noite de nossa própria ignorância e as sombras que projetamos sobre o texto durante a nossa leitura. Para que sejamos capazes de voar com nosso pensamento, meticulosamente, por entre linhas e entrelinhas, observando, com minúcia e precisão, os diferentes significados de um mesmo vocábulo, surpreendendo gestos e intenções ocultos em metáforas e alegorias, ou examinando a consistência dos nexos que amarram premissas a conclusões. Mas o vôo da coruja também deve alcançar alturas que permitam situar minúcias no interior de uma visão ampla e, por isso, aprofundar o entendimento de um texto, ou de um trecho de um texto, frequentemente exigirá que voemos com nossos olhos de coruja para outros textos do mesmo autor, ou, até mesmo, para os textos de outros autores. Por vezes, será preciso ir mais longe ainda e nossa coruja terá de cruzar fronteiras geográficas ou viajar no tempo em direção ao passado ou ao futuro, pois um texto talvez nos inspire a, literalmente, viajar em busca de mais elementos para sua compreensão, ou nos exija um tipo de experiência de vida de que ainda não dispomos em nosso repertório para que possamos entendê-lo com pertinência e acuidade. Além disso, o diálogo com as vozes longínquas do passado deve ser confrontado com a realidade do presente e posto em contato com vozes da atualidade. É preciso verificar o desenvolvimento de uma problemática ao longo da história, observar as transformações das propostas de soluções e das críticas a essas mesmas propostas e, sobretudo, é preciso ousar experimentos do pensamento até encontrar a sua própria voz e vê-la surgir por entre ruínas e edificações. Assim, gradualmente, percebemos que os livros remetem a vivências e as vivências remetem aos livros, até que começamos a vislumbrar, simultaneamente, a vida que anima os livros e a sabedoria que anima a vida, e a delas ativamente participar.

Por outro lado, a vocação filosófica, despertada pela prática de uma leitura filosófica, haverá de dotar-nos de um espírito de guerreiro, ou espírito agonístico, que se diverte com uma boa batalha entre amigos. Não devemos esquecer que Atená era uma deusa guerreira - sobre cujos ombros nossa coruja gosta de repousar - e que o esforço na busca de entendimento sobre um texto de filosofia pode ser ilustrado pela imagem de um campo de batalha que se estende entre os signos do livro e os signos de nosso espírito. Provavelmente teremos de trazer nossas armas e instrumentos para o campo de batalha. Essas armas de pesquisa podem ser dicionários ou gramáticas de grego e latim, ou de outras línguas, compêndios e manuais, periódicos, exercícios espirituais variados, etc. Mas o diálogo com a obra em nosso interior, por vezes, precisa também expandir-se para o exterior e devemos, então, convidar nossos amigos para também combaterem conosco em torno do texto. Eu digo “amigos” porque - segundo as recomendações de Platão para o exercício dialético - a prática do diálogo filosófico deve estar assentada numa sólida erótica da verdade a fim de que não degenerem em erística.¹⁴ Em outras palavras, um diálogo filosófico deve ser sempre cultivado sob a égide de *Éros, deus do amor*, e nunca sob a égide de *Éris, deusa da discórdia, a fim de que nos tornemos dialéticos eróticos, que amam espreitar a verdade por entre as malhas do lógos, e não nos tornemos eristas philónikoi*,¹⁵ querendo vencer uma disputa intelectual a qualquer custo, até mesmo à custa do amor à verdade. No combate, entre amigos da sabedoria, a competitividade está subordinada à cooperação e nele nunca somos derrotados por este ou aquele parceiro, mas, se somos derrotados, o somos pela verdade. A verdade, essa luz longínqua, quase sempre inalcançável, que se reflete em caleidoscópio no jogo da linguagem: tão longe quanto mais metafísica, tanto próxima quanto mais prática. Porém, nesse jogo de filósofos-guerreiros, a cada vez que somos derrotados pela luz da verdade, alcançamos a vitória, pois, a cada derrota, dela nos tornamos mais próximos e saímos mais fortalecidos para o próximo embate. Se considerarmos que no mito grego a deusa Vitória (*Niké*) é representada como pertencendo à deusa Atená, podemos extrair o ensinamento mítico de que aqueles que amam a vitória não alcançam a sabedoria, mas aqueles que amam a sabedoria obtêm a vitória. Por isso, deveríamos agradecer ao amigo – esse nosso outro eu, como disse Aristóteles¹⁶ - que, disfarçado de inimigo, ajudou-

nos a libertarmo-nos de uma ilusão. Essa pode ser uma experiência dolorosa para aqueles que estão mais preocupados em aparentarem saber do que em genuinamente buscarem saber. Por isso, na vida ordinária, a gratidão ao amigo desconhecido, às vezes, só chega muito tardiamente: Diógenes Laércio¹⁷ conta que, após a execução de Sócrates, os atenienses, arrependidos, erigiram uma estátua na ágora em sua homenagem.

Um diálogo com uma obra de filosofia é fecundo, sobretudo, quando resulta na geração de outra obra filosófica e podemos pensar que, idealmente, toda leitura deveria produzir uma nova escritura: escritura de livros ou escritura da vida. Assim, a cada leitura produzimos um novo mundo de pensamentos dentro de nosso próprio mundo interior, o que pode nos conduzir à geração de um novo mundo do texto, a ser lançado no mundo exterior à espera de seus leitores, ou, simplesmente, à geração de novas ações que contribuam para modificar, com amor e sabedoria, nossa vida e o mundo da vida.

Na antiguidade grega, onde a filosofia teve seu nascimento, expressar seu pensamento por meio da escrita não era uma condição necessária do filosofar e creio que, ainda hoje, não o é. Fundamental, e até mesmo suficiente, era – e creio que ainda o é – escrever a filosofia nos gestos cotidianos de uma vida coerente com o seu próprio pensar. Em outras palavras é suficiente ler, filosoficamente, o livro da vida e escrever sua vida, de acordo com a profundidade de sua leitura, para ser um filósofo. Contudo, desde a transição gradual de uma cultura iletrada para uma civilização letrada na Grécia antiga, é notório que os filósofos cada vez mais se dedicaram à escrita com a finalidade de assegurar a transmissão de suas doutrinas à posteridade e constituir um *corpus* de saber. Porém, como revelou-nos a pesquisa de Pierre Haddot¹⁸, a escrita filosófica tinha uma significação muito mais ampla e profunda que a mera finalidade da preservação de uma doutrina, constituindo-se em legítimo exercício de vida filosófica, pois, durante a redação de um texto filosófico podemos exercitar uma série de virtudes exigidas pelo filosofar e pela vida filosófica: memória, atenção, concentração, imaginação, rigor lógico, análise, síntese, discernimento, inventividade etc.

Mas eu gostaria, sobretudo, de salientar que a escritura filosófica dá continuidade ao processo de ruminação do pensar em um plano mais concreto, para o qual não devemos prescindir dos já adquiri-

dos olhos de coruja, pois a concretude da escritura parecer exigir um refinamento e uma precisão ainda maior do nosso pensar. Pois, durante o ato de redigir, nos envolvemos num constante processo de deliberação sobre quais palavras escolher, que frases combinar, que parágrafos coordenar, que razões oferecer para justificar, que metáforas ou alegorias elaborar, etc. Tal busca da melhor expressão - seja para precisar e refinar a comunicação, seja para ampliar e aprofundar a experiência filosófica - pode conduzir a um constante reconstruir ou reordenar, de proposições ou argumentos, parágrafos ou capítulos com vistas a expressar-se da melhor maneira possível. Pensar a escritura como um momento do ruminar filosófico permite perceber que ela não é simplesmente um registro do que anteriormente fora por nós mesmos pensado. Por mais que tenhamos claro o escopo e a finalidade com que estamos escrevendo, por mais que tenhamos escolhido de antemão as etapas do caminho que gostaríamos de percorrer, a escritura, como exercício filosófico, tem de continuar sendo aventura do pensamento, e aventura da vida, em busca da sabedoria e, por isso, enquanto entrelaçamos os fios da tessitura, seja aquela do texto ou a da própria vida, precisamos sentir a liberdade e o risco de alterar os desenhos da tapeçaria que estamos produzindo sempre que sentirmos que seja necessário. A maravilha e o perigo residem no fato de que só podemos nos aproximar da realização do *gnóthi seautón* à medida que construímos e desconstruímos nossa própria escritura¹⁹.

Foucault também chama atenção para a importância da escritura filosófica ao afirmar que “o ensaio é o corpo vivo da filosofia²⁰”, e tal declaração me faz imaginar o ensaio como sendo o próprio *pneuma*²¹ que anima o *corpus* milenar da filosofia. É através do ensaio que cada filósofo pode individualmente fazer-se filósofo, *i.e.*, fazer de sua vida uma obra de arte filosófica, e é através dele que o imenso corpo da filosofia, que se estende através dos séculos, pode respirar e, assim, produzir e regenerar novas células, nas obras e nas vidas dos filósofos. Pois ensaio significa, sobretudo, experimento filosófico, *i.e.*, a capacidade de utilizar o pensamento filosófico de modo criativo para produzir uma obra de arte filosófica, quer seja ela um livro ou a própria vida, e assim contribuir para a bondade ou beleza da comunidade ou da natureza.

Característico do filosofar é o rigor lógico de um discurso argumentativo que busca se expressar de forma clara e distinta

oferecendo boas razões para suas declarações, contudo a escritura filosófica pode deliberadamente tornar-se enigmática por diversas razões, às vezes simplesmente para refletir melhor o enigma da própria vida. Do ponto de vista da literatura filosófica tal produção pode assumir diferentes formas – dissertativa, argumentativa, aforismática, dialógica, poética, etc - e expressar sua busca de sabedoria por meio de diversos recursos da linguagem como ironia, alusões, metáforas, alegorias, analogias, etc. A diversidade dos estilos de obras filosóficas não é pequena e múltiplas são as virtudes exigidas para as suas realizações, contudo há duas qualidades que eu gostaria de destacar como elementos fundamentais para a produção de um texto filosófico: a honestidade, ou sinceridade intelectual, e a coragem criativa. Sobretudo deve-se ter em mente a velha orientação socrática de evitar a pretensão de sabedoria, principalmente quando não se a possui. Saber que se sabe, quando se sabe, e saber que não se sabe, quando não se sabe, eis um dos ideais da consciência filosófica. Que nossa escritura seja uma expressão de nossa busca pela sabedoria e que nunca produza simulacros de sapiência que possam ser utilizados para o abuso do poder. Que a saudável suspeita sobre a verdade, ou verdades, não nos faça abandonar a busca pela sabedoria. Esse destaque à sinceridade, numa época em que muitos desprezam o conceito de verdade ou navegam num conceito de pós-verdade, não poderia deixar de ser o eco de alguma voz muito longínqua. Nas aulas do curso no *Collège de France* de 1982-83²², Foucault faz o elogio da antiga virtude da *parresía*, i.e., da fala franca. Virtude que inspirava diversas escolas filosóficas da antiguidade, mas que, segundo Foucault, tem seu modelo paradigmático na relação entre Platão e os tiranos de Siracusa. Talvez sejam justamente estes episódios da vida de Platão, nos quais, pela prática da *parresía*, ele colocou sua cabeça em risco, que nos revelem o quanto a vida deste filósofo foi digna da de seu mestre, Sócrates. Ser preso, exilado e, talvez, até ser mesmo vendido como escravo - se os relatos da carta VII²³ forem fidedignos - foram algumas das consequências que Platão obteve por ter sido fiel à sua vocação de filósofo e pedagogo no trato com os tiranos de Siracusa. Não precisamos ter nenhuma vocação para o martírio para sermos filósofos, mas não deveríamos nunca esquecer que gigantes nos mostraram, com suas próprias vidas, que mais vale morrer sob a luz da verdade do que viver chafurdado na mentira.

Por isso, desde a leitura até a escritura, nosso ruminar filosófico tem de ser sincero perseguindo a esperança de que afinal possamos ter desnudado, diante de nossos olhos de coruja, o nosso próprio coração e o coração do mundo.

Mas, agora, nesse instante em que pareço escutar um sino soando no interior de uma floresta perdida, eu gostaria de lembrar que um dos maiores desafios para o filósofo consiste em ruminar sem perder a experiência do silêncio interior, sem deixar de respirar a atmosfera da cabana do velho mestre Nan-In. E por isso, para encerrar, eu gostaria de falar sobre maravilhamento, mesmo sabendo que falar de maravilhamento é tentar discorrer sobre o inefável, sobre o que está antes e depois da filosofia e que, por isso, remete-nos à experiência do silêncio. Mas, por outro lado, falar de maravilhamento significa falar daquilo mesmo que subjaz durante todo o processo do filosofar, e que costuma ocultar-se, justamente por ser esquecido durante o exercício do *lógos*, o que novamente nos remete à experiência do silêncio. Segundo Aristóteles, no livro *A da Metafísica*, *tò thaumádzein*, a admiração, produz o reconhecimento da ignorância e este, por sua vez, produz o amor à sabedoria, o qual desencadeia todo o filosofar. Mas o que eu estou aqui chamando de maravilhamento significa cultivar o estado de admiração originário e maravilhar-se durante todo o percurso da obra filosófica, *i.e.*, desde nossas primeiras impressões e leituras reflexivas, passando pela arena das interpretações, até a urdidura de nossa escritura. Assim, maravilhando-nos permanecemos vivos e despertos podendo saborear conscientemente cada passo da trajetória do exercício filosófico. Mas para que isso possa acontecer é preciso sempre retornar, constantemente, ao caminho do silêncio, habitando a terra do maravilhamento, da humildade e do amor.

O caminho aqui esboçado pretendeu, sobretudo, mostrar que o árduo trabalho da leitura e escritura filosóficas não deveria ser concebido como mero exercício de um intelectual drogado por conceitos em sua torre de marfim, mas sim como exercícios constitutivos de uma vivência filosófica que entrelaça leitura e escritura de livros, e leitura e escritura da vida, produzindo um filosofar que não teme a sua poética, que pode com seus experimentos instigar artes e ciências e com seu maravilhamento produzir um *relegere* ou *religere*, no presente, dos fios da velha e da nova escritura²⁴. Mas alguém poderia afirmar que tal caminho filosófico, como até aqui delineado,

é impossível de ser trilhado, ou, se possível, não mais preferível que qualquer outro. Quanto à impossibilidade, eu diria que ele é apenas muito árduo - embora não seja isento dos belos prazeres que são peculiares aos amantes da sabedoria e praticantes das virtudes. Além disso, embora a coruja de Atená – como disse Hegel - só levante seu vôo no crepúsculo, nada impede que seus olhos cheguem a contemplar a aurora e, durante o dia, sonhe com os primeiros vestígios dos raios de sol. Assim, filosofando ou poetizando, do crepúsculo à aurora ou da aurora ao crepúsculo, poderemos passear na *ágora*, como Diógenes²⁵, empunhando uma insólita lamparina, acesa em plena luz do dia, a fim de provocar o nascimento da humanidade. Quanto a sua preferência, eu diria que, embora ele seja, sim, um caminho entre tantos caminhos possíveis para o filosofar, ele tem a seu favor, sobretudo, o fato de ser um daqueles caminhos que não teme escalar montanhas - nem mergulhar no silêncio - enquanto passeia pelos ombros de gigantes. Porém, se chegar aquele momento na paisagem íntima de nosso diálogo interior em que dissermos: não há experiência originária alguma a recordar, ou a cultivar, e todas as estrelas que têm iluminado nossa estrada não passam de projeções de nossa consciência ou inconsciência. Então, nesse exato instante de noite escura da alma, ainda poderemos nos maravilhar de estarmos tomando uma xícara de chá, com o abismo, em meio a nossa vidinha cotidiana.

Seja como for, se este meu pequeno texto servir de estímulo ao filosofar para os meus alunos-mestres, e se for capaz de expressar minha gratidão por meus mestres-alunos, então ele terá cumprido a sua função. Por isso é em homenagem a eles que eu deixo aqui, ao final desse meu texto, essa estranha esfinge: a imagem de uma vaca, ou touro, com olhos de coruja, ruminando vozes longínquas. Ruminando, ruminando... Até que o silêncio a envolva completamente e produza um novo som.

Notas

- 1 PLATÃO. Teeteto, 189e-190b.
- 2 PLATÃO. Fedro, 275d-275e.
- 3 HERÁCLITO: LI (DK 22 B 91) in KAHN, Charles h.
- 4 Podemos imaginar tal círculo como um imenso conjunto composto de círculos de teias de aranha entrelaçados, cujos fios são constituídos de informações estocadas

- em signos, que se estendem em múltiplos círculos concêntricos ao redor, e dentro, de cada sujeito e de cada comunidade histórica.
- 5 Podemos pensar que tanto Heidegger em *Ser e Tempo*, quanto Gadamer em *Verdade e Método*, e até mesmo Nietzsche, com sua visão perspectivista dentro do eterno retorno, apontaram caminhos para que um círculo interpretativo vicioso pudesse tornar-se um círculo interpretativo virtuoso.
 - 6 O uso do adjetivo alquímico é pertinente somente na medida em que entendamos a alquimia como uma arte cujas operações externas de transmutações de metais visavam, sobretudo, criar as condições para uma transmutação interna, espiritual, no alquimista.
 - 7 Interessa-me preservar a polissemia da palavra grega *lógos*, destacando entre seus diferentes significados: razão, pensamento, palavra, sentido, linguagem e narrativa.
 - 8 AGOSTINHO. *Confissões*, IX, 24.
 - 9 NIETZSCHE. Para além do bem e do mal. Aforismo 146.
 - 10 Mestre Zen japonês da era Mei-ji.
 - 11 PLATÃO. *Apologia de Sócrates*, 21 d-e; *Fedro*, 251b-c.
 - 12 NIETZSCHE. *Genealogia da moral*. Prólogo.
 - 13 A deusa Atena, segundo Homero, tem olhos glaucos, *i.e.*, olhos esverdeados e brilhantes ou olhos de coruja, (*gláudz*).
 - 14 Vale salientar a caracterização que Platão faz de *Éros*, *Banquete* 202 b-c, como hermeneuta: hermeneuta entre o *lógos* divino e o *lógos* humano. Temos assim, no mito platônico, *Éros* desempenhando funções próprias do deus Hermes: entender, intermediar, comunicar, traduzir, interpretar.
 - 15 Amantes da vitória.
 - 16 ARISTÓTELES. *Ética à Nicômaco*, IX, 9, 1169b.
 - 17 DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Opiniões dos Filósofos Ilustres*.
 - 18 HADOT, Pierre. *Exercícios Espirituais e filosofia antiga*.
 - 19 A associação entre escritura e tessitura, faz-me lembrar que a deusa Atená também presidia a arte da tecelagem. E o trágico destino de *Aráchne*, que desafiou a deusa numa competição de tecer, - destino comum em tantos *mýthos* que tratam da *hýbris* cometida pelos humanos quando desconhecem seus limites - nos remete a um outro aspecto do *gnóthi seautón* délfico: conhece-te a ti mesmo a fim de conhecer o teu *métron*, *i.e.*, a tua própria medida. Tal máxima dos antigos nos alerta para a importância de determinar, com sabedoria prática, a sua própria medida de prudência e ousadia ao agir - na leitura-escritura da vida - pois devemos superar nossos limites, sim, mas sempre dentro de certos limites. O que nos remete ao outro mandamento inscrito no pórtico do oráculo: *medén ágan*.
 - 20 FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*, II. Introdução, 1- Modificações.
 - 21 Ar, sopro ou espírito.
 - 22 FOUCAULT, Michel. *A coragem da verdade*.
 - 23 PLATÃO. *Carta VII*.
 - 24 Combinando os sentidos das palavras latinas que disputam a derivação da palavra *religio* podemos fazer um exercício imaginativo e contemplar um(a) velho(a)-criança, andarilho(a) e tecelão(ã), retornando inúmeras vezes a um labirinto, procurando, escolhendo e recolhendo, um fio de *lógos*, rompido, para ligá-lo a outro fio e renovar o jogo da tradição.
 - 25 Diógenes de Sínope, filósofo cínico, performático, do século IV a C.

Referências

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo, Paulus, 2006.
- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo, Loyola, 2002.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas y Opiniones de los Filósofos Ilustres*. Madrid, Alianza Editorial, 2007.
- FOUCAULT. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 2012.
- _____. *A coragem da verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- HADOT, Pierre. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- KAHN, Charles. *A arte e o pensamento de Heráclito*. São Paulo: Paulus, 2009.
- NIETZSCHE. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. *Além do bem e do mal*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*. Belém: Ed. UFPA, 2015.
- _____. *Banquete*. Belém: Ed. UFPA, 2011.
- _____. *Carta VII*. São Paulo: Loyola, 2008.
- _____. *Fedro*. Belém: Ed. UFPA, 2011.
- _____. *Teeteto*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.